

ESTRATÉGIA DE AÇÃO PARA A PRODUÇÃO ORIENTADA DE HORTALIÇAS NO ESTADO DE SÃO PAULO¹

Ana Maria Montragio Pires de Camargo²

Denise Viani Caser³

Marineusa Takaes⁴

Waldemar Pires de Camargo Filho²

1 - INTRODUÇÃO

A produção de um bem de consumo na Agricultura exige planejamento, administração do uso de fatores de produção (recursos naturais, mão-de-obra, insumos, irrigação, máquinas, etc.) e sua posterior comercialização no mercado. Além de todos esses entraves gerenciais, no processo produtivo agrícola, existem dois obstáculos intrínsecos à atividade: em curto espaço de tempo, a produção sofre influência direta do clima e a venda do produto depende da eficácia dos agentes de comercialização, do poder aquisitivo do consumidor e da competição entre alimentos.

Em olericultura existem outros dois obstáculos que conseguem desarticular o sistema produtivo e o mercado. O primeiro é que as hortaliças, por serem culturas de inverno, com o início dos plantios geralmente em julho - época mais propícia ao seu desenvolvimento - provocam concentração excessiva da produção, dado que todos os olerícolas (cerca de 70 espécies) têm suas maiores safras concentradas no período compreendido entre setembro a janeiro. O segundo motivo é que os produtores não seguem planejamento rigoroso da área a ser cultivada. Basta que algum produto tenha preço alto, por qualquer motivo, os olericultores reagem produzindo mais e,

conseqüentemente, os preços em breve tornam-se baixíssimos, o que implica em prejuízos financeiros e grandes perdas de alimento na região de produção.

2 - OBJETIVO

O objetivo deste estudo é propor integração entre os órgãos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento e a iniciativa privada de modo a orientar a área a ser cultivada visando a quantidade a ser produzida, deslocar parte da produção para a época mais adequada de mercado, indicar as variedades a serem adotadas, bem como dar subsídio ao planejamento da produção, de modo a evitar os excessos. Procurar-se-á criar harmonia entre o setor produtivo de hortaliças e os mercados de insumos e de alimentos, diversificando a produção olerícola na propriedade, proporcionando melhor distribuição da atividade produtiva durante o ano. Espera-se que este projeto com ações integradas venha dar maior estabilidade de renda ao setor produtivo olerícola, maiores níveis de emprego no campo, menor oscilação de preços, os quais no médio prazo tenderão a ser estáveis e mais baixos aos consumidores. Dessa maneira a oferta de hortaliças, principalmente de legumes, será mais estável e regular durante um período maior de tempo, dentro do ano. Isto deverá proporcionar maior consumo de hortaliças, responsável pelo fornecimento de quantidades significativas de fibras, vitaminas e sais minerais à população brasileira a custo acessível.

O Instituto de Economia Agrícola (IEA), da Coordenadoria Sócio-Econômica (CSE) deverá obter como retorno a melhoria dos levantamentos subjetivos (em nível de município) de previsão de safras das olerícolas e as Delegacias Agrícolas (DAs) e Casas de Agricultura (CAs) terão maior volume de informações para oferecer aos produtores, bancos,

¹Este trabalho é parte integrante do Projeto SPTC 16-021/89: "Melhoria das Informações Econômicas e Estatísticas Agrícolas". Recebido em 08/06/93. Liberado para publicação em 17/11/93.

²Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Estatístico, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

⁴Matemático, autônomo.

cooperativas e prefeituras.

3 - ESTRATÉGIA DE AÇÃO E ÓRGÃOS ENVOLVIDOS

A Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo deverá ser representada pelos seguintes órgãos: a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI), através das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Sorocaba, Campinas e São José dos Campos e das Delegacias Agrícolas (DAs) que as compõem, com destaque especial ao trabalho dos técnicos das Casas de Agricultura (CAs) dos municípios principais produtores de hortaliças; a Coordenadoria Sócio-Econômica (CSE), por meio do Instituto de Economia Agrícola (IEA), cujas informações poderão mostrar a tendência de preços no mercado e orientar sobre a priorização da produção, além de oferecer subsídios no cômputo da previsão de área plantada no decorrer do processo produtivo.

A Coordenadoria de Abastecimento (CAb) e a Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo (CEAGESP) terão a função de fornecer os dados estatísticos da quantidade comercializada por município de origem, no Entreposto Terminal de São Paulo (ETSP), que serão os indicadores e servirão de parâmetro de avaliação para quantidade ofertada, além de participarem de possíveis campanhas de comercialização e esclarecimentos ao consumidor sobre as formas de consumo e uso de hortaliças.

A Prefeitura Municipal de cada região deverá fornecer subsídios imprescindíveis na forma de recursos humanos, materiais e na organização do levantamento de informações junto aos produtores sendo importante a colaboração de professores da rede escolar, cooperativas de produtores, bancos e firmas produtoras de insumos.

Os técnicos de todos esses órgãos já entram em contato com o IEA com o intuito de promover a realização dessa integração.

Espera-se que todo ano, de julho a outubro, os municípios principais produtores, envolvidos nesse projeto, obtenham informações mensais sobre a área de intenção de plantio das hortaliças prioritárias.

A fase seguinte será realizada pela Casa de Agricultura e Prefeitura Municipal sob a coordenação da Delegacia Agrícola que se integrará com os produtores e associações de classe. O Instituto de Economia Agrícola mensalmente fará o cômputo da área a ser plantada no mês e a provável época de colheita, bem como o volume a ser produzido através de informações obtidas no campo, de modo que em outubro tenha-se a estimativa final da área de hortaliças a ser cultivada na maior safra do ano.

O IEA e a CEAGESP possuem dados de área plantada desses municípios e as quantidades comercializadas enviadas ao ETSP, respectivamente. Quando a área plantada ultrapassar um determinado limite (o qual proporcionará excesso de oferta em determinado mês), os agrônomos regionais darão um alerta aos produtores, que terão a orientação de deslocar a produção no tempo ou diversificá-la com outro produto que ofereça menor risco de preço no momento. Simultaneamente ao trabalho do IEA, as DAs, os bancos, cooperativas e associações de produtores estarão empenhados no mesmo objetivo.

4 - O CONTEXTO DA PRODUÇÃO OLERÍCOLA DO ESTADO DE SÃO PAULO

A olericultura é um ramo da agricultura que conta com maior número de espécies cultivadas e com ciclo de produção curto.

Por essa razão, a dinamicidade da pesquisa é intensa e a difusão de informações deve seguir o ritmo das mudanças tecnológicas que acontecem em maior grau. Isto ocorre desde as formas de cultivo, que possuem técnicas economicamente viáveis, no processo a céu aberto, passando pela plasticultura até o uso de hidroponia. O emprego de máquinas, irrigação, sementes melhoradas, insumos químicos, matéria orgânica, etc. é sempre constante, porém ocorre com diferentes intensidades, ou seja, inicia com a agricultura orgânica culminando com aquela em nível de uso intensivo de insumos químicos.

No Brasil, a quantidade produzida em 1990 foi de 8.176.934 toneladas das principais hortaliças cultivadas em 469.393 hectares. A produção paulista participou com aproximadamente 27,0%

desse volume produzido (cerca de 2,2 milhões de toneladas) para o abastecimento nacional (RAMALHO SOBRINHO; CORREIA; SALGADO, 1991). Esses produtos olerícolas podem ser divididos em seis grupos, de acordo com suas peculiaridades (Tabela 1).

O Grupo I, formado pelas grandes olerícolas inclui: alho, batata, cebola e tomate, que juntos responderam em 1990 por 66,3% da produção total de hortaliças do Brasil. O Estado de São Paulo contribuiu com 25,4% da produção nacional desse grupo.

O Grupo II, composto por batata-doce, cará, chuchu, inhame, milho verde, mandioca de mesa e mandioquinha salsa, participou com 531.970 toneladas (6,5%) no total da produção olerícola nacional, tendo São Paulo contribuído com 30,4% nesse grupo.

As frutas olerícolas (Grupo III) têm destaque na produção da olericultura principalmente pelo alto valor financeiro e também pela grande quantidade produzida. Em 1990 o total produzido de melão, melancia e morango foi de 893.590 toneladas (10,9% do total de hortaliças produzido no Brasil) e São Paulo participou com 17,1%.

No Grupo IV (abóboras e abobrinhas), São Paulo participou com 28,9% da produção nacional.

Nove legumes formam o Grupo V que contribuiu com 8,2% do total brasileiro de hortaliças produzidas em 1990 e a participação paulista foi de 38,8%.

As cinco principais verduras (Grupo VI) totalizaram 6,0% do total de produtos olerícolas do País em 1990, tendo o Estado de São Paulo contribuído com 36,4%.

5 - O MERCADO DE PRODUTOS OLERÍCOLAS

Na década de 70 todas as capitais e a maioria das grandes cidades no Brasil passaram a ter entrepostos normatizados para o abastecimento com produtos hortigranjeiros. Assim, esse canal de comercialização passou a ser comum na parte básica de infra-estrutura de apoio e informações estatísticas de

preços e quantidades em cada grande centro consumidor.

Dentre os produtos comercializados nas CEASAs, estão os granjeiros (ovos, crustáceos e peixes), que possuem características e similaridades próprias; as frutas tropicais, cujo mercado é o de maior significância em termos de quantidade e valor, sendo acirrada a competição entre o mercado externo, a agroindústria e o mercado interno e as frutas de clima temperado que têm o abastecimento complementado com produto estrangeiro.

Os olerícolas, que completam a gama de produtos comercializados nas CEASAs, são os que possuem diversas peculiaridades intrínsecas. São culturas com início do processo produtivo no inverno e as maiores quantidades ofertadas ocorrem na primavera e no verão. Apesar de as condições de clima e de os nossos costumes serem ideais para o consumo, acontecem distorções passíveis de serem amenizadas, desde que se utilizem as tecnologias já existentes e economicamente viáveis. Vale ressaltar que existem variações das quantidades ofertadas e demandadas das hortaliças, de acordo com as grandes Regiões brasileiras: Sul, Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste. Nessa pesquisa analisa-se o Estado de São Paulo (considerando-o representativo da Região Sudeste), por ser o maior produtor e possuir o maior mercado consumidor do Brasil.

Em São Paulo, as verduras têm sua maior oferta no último trimestre do ano e em janeiro. No entanto, em fevereiro-março sempre ocorre elevação dos preços das folhosas, em virtude da dificuldade do cultivo das mudas no início do verão, em razão das altas temperaturas e excessiva umidade. É necessário que a pesquisa e a extensão (pública e privada) estimulem a produção de mudas em cultivo protegido (plasticultura) nessa época, permitindo aumentar ainda mais a especialização dos produtores de verduras, de modo a se ter produção melhor distribuída durante o ano todo, apenas mudando os tipos de folhosas e dentro de uma rotação de culturas e manejo de solo adequados.

Os legumes também têm suas maiores quantidades ofertadas na primavera-verão, no entanto, sua maior procura ocorre no outono-inverno, haven-

TABELA 1 - Área e Produção dos Principais Produtos Olerícolas no Brasil e no Estado de São Paulo, por Grupo, 1990

Grupos de produtos (I a VI)	Brasil		Participação na produção (%)	São Paulo		Participação na produção SP/BR (%)
	Área (ha)	Produção (t)		Área (ha)	Produção (t)	
Batata	157.759	2.219.097	27,1	25.520	525.600	23,7
Tomate	60.612	2.260.871	27,6	14.310	579.900	25,6
Cebola	74.407	869.067	10,6	14.950	269.920	31,1
Alho	17.149	71.087	0,9	779	3.622	5,1
Subtotal Grupo I	309.927	5.420.122	66,3	55.559	1.379.042	25,4
Batata-doce	15.990	177.140	2,2	1.468	22.667	12,8
Cará	3.650	40.720	0,5	142	3.305	8,2
Chuchu	1.760	88.060	1,1	833	22.971	26,1
Inhame	1.620	21.890	0,3	118	1.717	7,8
Milho verde	8.450	60.810	0,7	5.801	37.334	61,4
Mandioca de mesa	7.200	102.730	1,3	6.900	69.000	67,2
Mandioquinha salsa	4.490	40.620	0,5	481	4.349	10,7
Subtotal Grupo II	43.160	531.970	6,5	15.743	161.343	30,4
Melancia	36.230	794.580	9,7	4.684	123.902	15,6
Melão	4.070	61.300	0,7	131	2.780	4,5
Morango	1.020	37.710	0,5	618	26.034	69,0
Subtotal Grupo III	41.320	893.590	10,9	5.433	152.716	17,1
Abóbora	10.980	120.440	1,5	2.788	31.511	26,2
Abobrinha	3.230	46.420	0,6	1.365	16.723	36,0
Subtotal Grupo IV	14.210	166.860	2,0	4.153	48.234	28,9
Beterraba	3.780	89.490	1,1	1.322	34.593	38,7
Cenoura	10.910	286.700	3,5	4.976	135.748	47,4
Ervilha	11.200	13.820	0,2	232	2.375	17,2
Vagem	2.380	29.730	0,4	822	10.732	36,1
Pepino	2.750	55.790	0,7	549	17.382	31,2
Pimentão	5.470	116.550	1,4	1.813	39.893	34,2
Quiabo	3.400	48.280	0,6	621	6.526	13,5
Berinjela	473	14.932	0,2	299	10.925	73,2
Jiló	673	17.996	0,2	100	3.138	17,4
Subtotal Grupo V	41.036	673.288	8,2	10.734	261.312	38,8
Repolho	11.028	339.046	4,1	3.933	126.408	37,3
Alface	4.026	60.867	0,7	1.836	27.758	45,6
Brócoli	522	8.054	0,1	482	7.548	45,6
Couve	561	12.930	0,2	294	5.035	38,9
Couve-flor	3.603	70.207	0,9	655	11.869	16,9
Subtotal Grupo VI	19.740	491.104	6,0	7.200	178.618	36,4
Total	469.393	8.176.934	100,0	98.822	2.181.265	26,7

Fonte: RAMALHO SOBRINHO; CORREIA; SALGADO (1991), Instituto de Economia Agrícola e Coordenação de Assistência Técnica Integral (CATI).

do pois necessidade de pequenos ajustes, deslocando parte da produção.

Produtos diversos como alho, batata e cebola, são os que recebem maior influência do mercado internacional, enquanto que batata-doce, inhame, cará, mandioca, mandioquinha, milho verde e chuchu, são os produtos que apresentam maior estabilidade de área cultivada e quantidade ofertada, relativamente à demanda do mercado.

Além destas características intrínsecas à produção olerícola, deve-se enfatizar que toda a dinâmica do mercado ocorre dentro de um processo evolutivo. Na década de 80 foram melhoradas a classificação, o sistema de transporte, o número de variedades existentes, a qualidade do produto final, sempre visando atender às exigências de cada mercado consumidor, enquanto a pesquisa fez com que se avançasse o grau tecnológico no processo produtivo.

O ano de 1990 foi o de menor distorção de produção e abastecimento do mercado de olerícolas, no período 1989/92. Dessa forma toda a análise foi realizada baseando-se nele. Neste ano em todos os entrepostos brasileiros pertencentes ao Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC) e à Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais (CEAGESP) foram comercializadas 9.251.062 toneladas de hortigranjeiros, das quais 4.606.561 toneladas de hortaliças (49,8%), sendo os principais produtos: tomate (19,0%), batata (22,0%) e cebola (8,0%) (BRASIL, 1990).

Os entrepostos do Estado de São Paulo comercializaram 38,0% do global brasileiro. Segundo a CEAGESP (BOLETIM ANUAL, 1990), somente o Entreposto Terminal de São Paulo (ETSP), em 1990, comercializou 2.850.718 toneladas de hortigranjeiros, sendo que o setor de frutas participou com 51,0%, enquanto que os 33 produtos olerícolas totalizaram 1.333.411 toneladas (46,8%) no ano. Os principais grupos tiveram participações diferenciadas (Tabela 2), destacando-se o grupo de legumes com 41,3% da quantidade de olerícolas cultivadas, vindo a seguir o grupo composto por alho, batata e cebola (22,0%).

Além da expressão desses produtos no ETSP pode-se evidenciar a importância da participação da produção paulista no abastecimento dos CEASAs brasileiros, conforme estudo de GALLETA, 1990, para 15 produtos escolhidos (Tabela 3). Obser-

va-se que à exceção de alho e jiló, todos os produtos possuem participação maior que 30%, tendo em vista que deve-se somar abóbora (seca) com moranga híbrida, no grupo abóboras.

Considerando-se esses aspectos da produção e comercialização procurou-se selecionar os produtos que devem ter planejamento na produção e abastecimento através de projetos especiais.

6 - SUGESTÕES DE PRODUTOS SELECIONADOS E REGIÕES

Alho, batata, cebola e tomate tiveram na década de 80 programas especiais que orientaram e disciplinaram diretrizes para a organização da produção à comercialização, com o objetivo principal de regularizar o abastecimento nacional desses produtos. Esses programas, cuja coordenação era feita pela gerência de horticultura do Ministério da Agricultura tiveram boa atuação no País, organizando a produção nos diversos estados e regularizando a importação. Esses programas foram extintos no final da década de 80 e deveriam ser reeditados (BRASIL, 1977).

Para o Estado de São Paulo é possível organizar a produção orientada de 13 produtos olerícolas sem necessidade de integração com outros Estados ou com o Ministério de Agricultura e Reforma Agrária (MARA). Para o tomate sugere-se criar um programa estadual de abastecimento que procure orientar a produção de tomate rasteiro (para a indústria) e de envarado (para consumo *in natura*). O rasteiro tem sua produção ao norte e noroeste do estado, próxima às indústrias que fornecem as sementes e possui o Comitê da Agroindústria, gerenciado pela Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Para a orientação da produção é necessário que na época de acordo de preços da safra seja determinado rigoroso escalonamento de semeadura e que atenda ambas as partes. O objetivo seria apenas de evitar concentração excessiva de plantio que ultrapassasse a capacidade de moagem das unidades industriais. Para o tomate envarado cuja produção ocorre no sudeste e sudoeste do estado, o programa deveria ter apoio dos órgãos da Secretaria de Agricultura e Abastecimento, da iniciativa privada, bancos e cooperativas, no sentido de alertar a época de preços baixos, evitando que ocorressem excessos de área

TABELA 2 - Quantidade Comercializada dos Principais Produtos Olerícolas no ETSP-CEAGESP, por Grupo, 1990

Grupos de produtos (I a VI)	Quantidade (t)	Participação no total dos grupos (%)
Alho nacional	1.529	0,1
Alho estrangeiro	1.746	0,1
Batata	218.244	16,4
Cebola	72.454	5,4
Subtotal Grupo I	293.973	22,0
Tomate	273.020	20,5
Cenoura	74.467	5,6
Pepino	42.010	3,2
Abobrinha	35.628	2,7
Pimentão	29.491	2,2
Vagem	24.948	1,9
Berinjela	22.843	1,7
Beterraba	19.083	1,4
Quiabo	10.479	0,8
Abóbora seca	9.554	0,7
Jiló	9.412	0,7
Subtotal Grupo II	550.935	41,3
Melancia	79.639	6,0
Melão	45.707	3,4
Morango	5.047	0,4
Subtotal Grupo III	130.393	9,8
Alface	28.137	2,1
Acelga	18.065	1,4
Escarola	13.474	1,0
Brócoli	8.596	0,6
Espinafre	8.325	0,6
Couve	7.509	0,6
Agrião	6.073	0,5
Catalonha	4.082	0,3
Repolho	67.982	5,1
Couve-flor	14.680	1,1
Subtotal Grupo IV	176.923	13,3
Chuchu	52.081	3,9
Milho verde	58.570	4,4
Mandioca	26.662	2,0
Batata-doce	22.504	1,7
Mandioquinha salsa	16.093	1,2
Inhame	5.277	0,4
Subtotal Grupo V	181.187	13,6
Total dos Grupos	1.333.411	100,0

Fonte: BOLETIM ANUAL (1990).

TABELA 3 - Participação da Produção Olerícola Paulista no Total Demandado pelas CEASAs do Brasil, 1990

Produto	Demanda total das CEASAs (t)	Produção paulista	B/A
	(A)	(t) (B)	(%)
Alho ¹	13.253	2.644	20,0
Batata	860.805	346.117	40,2
Cebola	255.422	91.295	35,8
Tomate	808.944	372.227	46,0
Abóbora	117.137	32.554	27,8
Moranga híbrida	30.137	2.645	8,8
Repolho	195.584	101.778	52,0
Couve-flor	36.086	22.231	61,6
Cenoura	294.736	132.094	44,8
Beterraba	40.507	21.844	53,9
Berinjela	29.182	22.086	75,7
Jiló	34.385	8.785	25,6
Pepino	91.094	32.462	35,6
Vagem	49.484	25.042	52,4
Melancia	210.082	110.399	52,6

¹Para o alho a participação é a do volume comercializado no ETSP - São Paulo relativamente ao total das CEASAs no Brasil.
Fonte: GALLETA (1990).

cultivada, diversificando e deslocando a produção, tendo em vista que existem estatísticas da quantidade demandada e que 60% do total estadual é produzido por apenas dez municípios. Pode-se concluir que o retorno do custo-benefício a estes municípios seria significativo sob todos os aspectos.

Outros 12 produtos selecionados foram: melancia, abóbora, abobrinha, berinjela, couve-flor, pepino, jiló, pimentão, quiabo, beterraba, cenoura e repolho (Tabela 4).

A seleção desses produtos seguiu a seguinte ordem: concentração da produção em alguns municípios, resposta da produção ao preço e significância da produção no Estado de São Paulo e no Abastecimento do ETSP-CEAGESP.

Através das entradas no ETSP, em 1990, (SÃO PAULO, 1990) e das estimativas de produção realizadas pelo IEA-CATI (PREVISÃO DE SAFRAS, 1990/91) pode-se ter um panorama da concentração de produção dessas hortaliças em alguns municípios paulistas.

A melancia tem sua produção concentrada em algumas Delegacias Agrícolas (DAs) das Divisões Regionais Agrícolas (DIRAs) de Marília, Presidente Prudente e Araçatuba.

As abóboras (seca e japonesa) e a moranga apresentam maior produção em Sorocaba, Campinas, Marília e Presidente Prudente. A abobrinha é produzida mais próxima ao cinturão verde de São Paulo e Campinas e 91% do abastecimento deste produto em

TABELA 4 - Área e Produção de Hortaliças Seleccionadas no Brasil e São Paulo, 1990

Produto	Brasil		São Paulo		Participação na produção SP/BR (%)
	Área (ha)	Produção (t)	Área (ha)	Produção (t)	
Melancia	36.230	794.580	4.684	123.902	15,2
Abóbora	10.980	120.440	2.788	31.511	26,1
Abobrinha	3.230	46.420	1.365	16.723	36,0
Repolho	11.028	339.046	3.933	126.509	37,3
Cenoura	10.910	286.700	4.976	135.748	47,4
Pimentão	5.470	116.550	1.813	39.893	34,2
Berinjela	473	14.932	299	10.925	73,2
Beterraba	3.780	89.490	1.322	34.593	38,7
Couve-flor	3.600	70.210	655	11.869	16,9
Pepino	2.750	55.790	549	17.382	31,2
Quiabo	3.400	48.280	621	6.526	13,5
Jiló	673	17.996	100	3.138	17,4
Total	92.524	2.000.434	23.105	558.719	27,9

Fonte: RAMALHO SOBRINHO; CORREIA; SALGADO (1991), Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI).

1990 no ETSP foi de origem paulista e proveniente de dez municípios que produziram 72,0% do total estadual (PREVISÃO DE SAFRAS, 1990/91).

O ETSP é abastecido com berinjela, praticamente, só de origem paulista (92,0% em 1990), sendo que dez municípios contribuíram com 71,5% do global do Estado. A couve-flor teve 81,0% da produção em dez municípios que enviaram 97,0% ao ETSP e o jiló teve 77,0% da produção concentrada em dez municípios, que remeteram 57,0% ao ETSP.

Cenoura, repolho e beterraba, depois do tomate, são os principais legumes na produção paulista em importância no abastecimento do Brasil e de maior concentração de produção. Isso implica em iniciar o projeto de produção orientada nas regiões que cultivam esses produtos.

Apenas três municípios (Piedade, Ibiúna e São José do Rio Pardo) foram responsáveis por 72,0% da produção paulista de cenoura, sendo os

28,0% restantes produzidos por outros sete municípios. Isso representa 47,4% do total de cenoura produzido no Brasil.

Para a beterraba, 83,0% da produção paulista concentrou-se nos municípios de Ibiúna, Piedade e Moji das Cruzes e o Estado de São Paulo produziu 38,7% do total brasileiro em 1990.

O repolho é a principal verdura em volume produzido no Brasil. O Estado de São Paulo, que participou com 37,3% do total brasileiro, teve sua produção concentrada (26,0%) nos municípios de Ibiúna e Piedade que são limítrofes entre si.

Como ilustração, as figuras de 1 a 7 exemplificam a distribuição da entrada no ETSP. Observa-se que os municípios que pertencem ao chamado cinturão verde expandido produzem em excesso, principalmente no último trimestre do ano, todas as hortaliças cultivadas nessas regiões, em especial cenoura, beterraba, folhosas e brassicas (repolho,

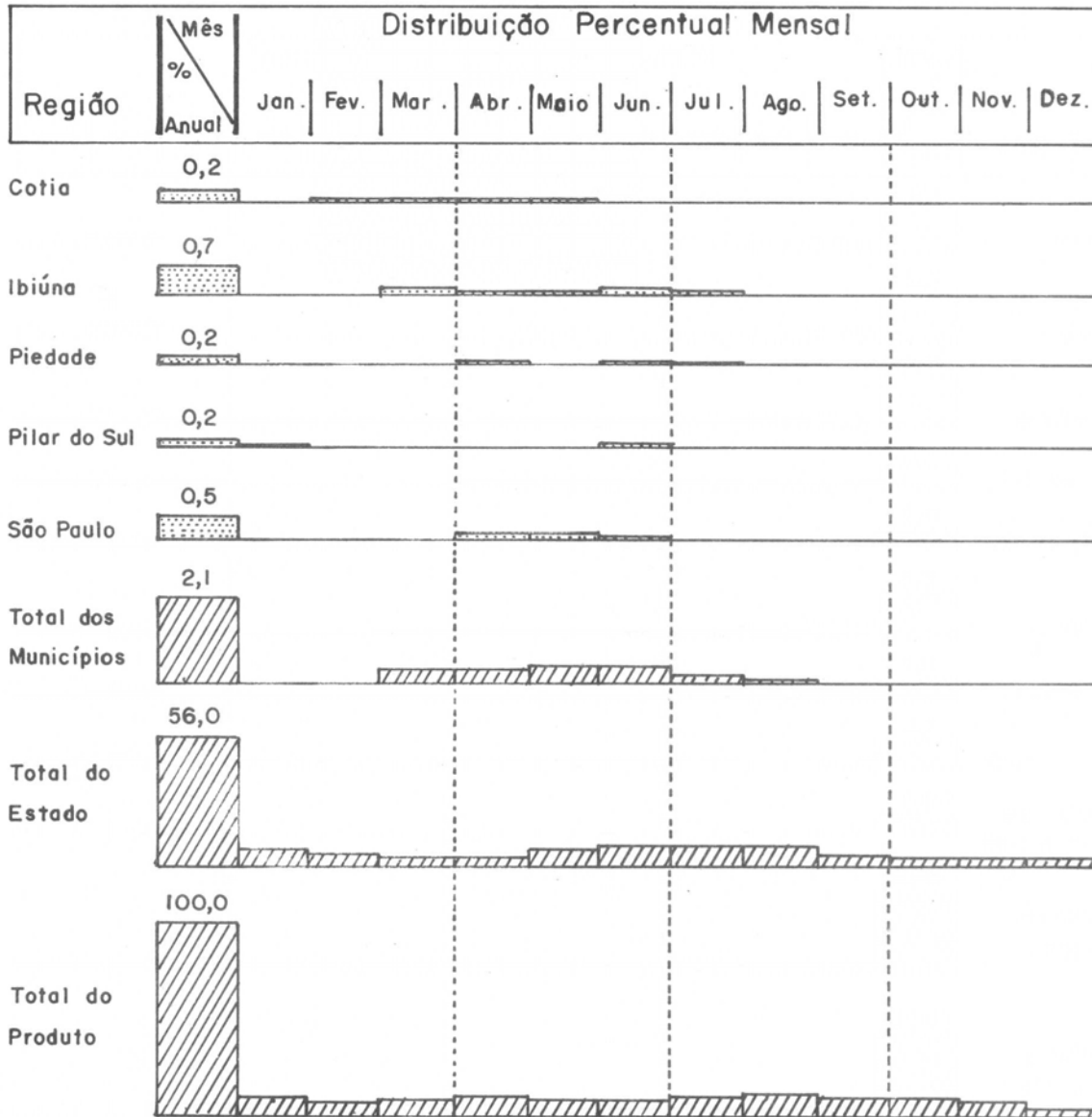


FIGURA 1 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Abóbora Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91.

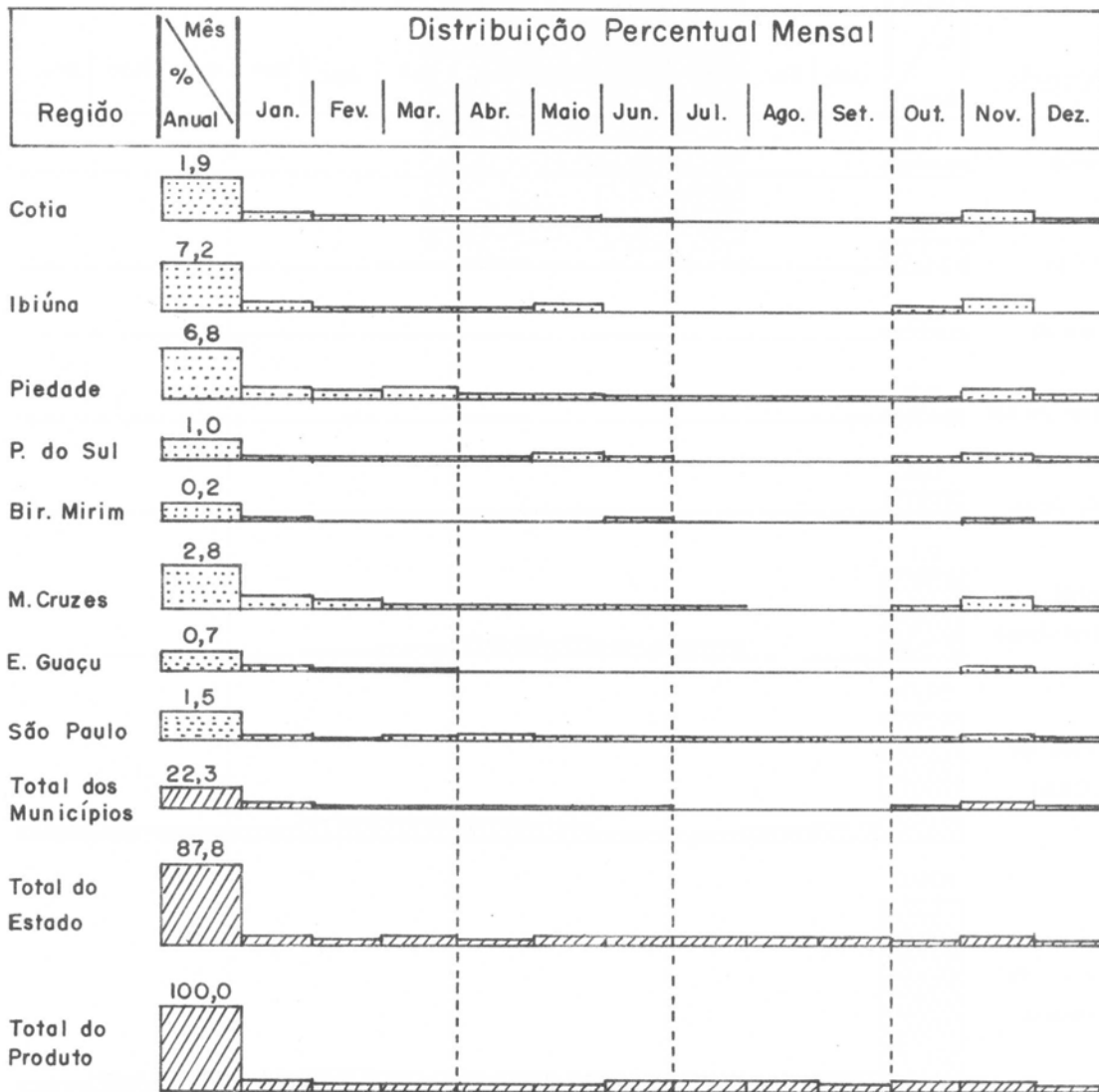


FIGURA 2 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Abobrinha Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91.

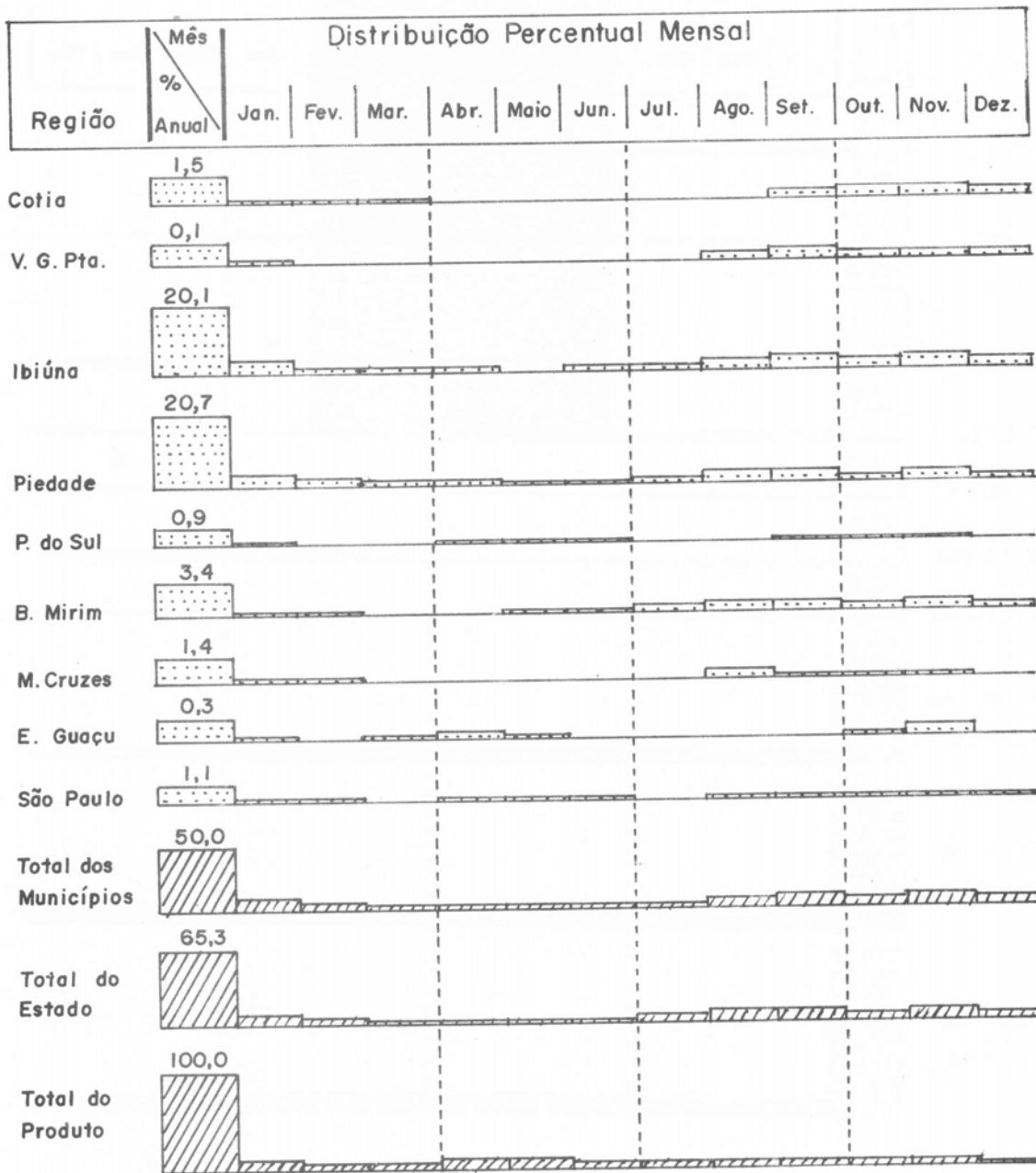


FIGURA 3 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Beterraba Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91

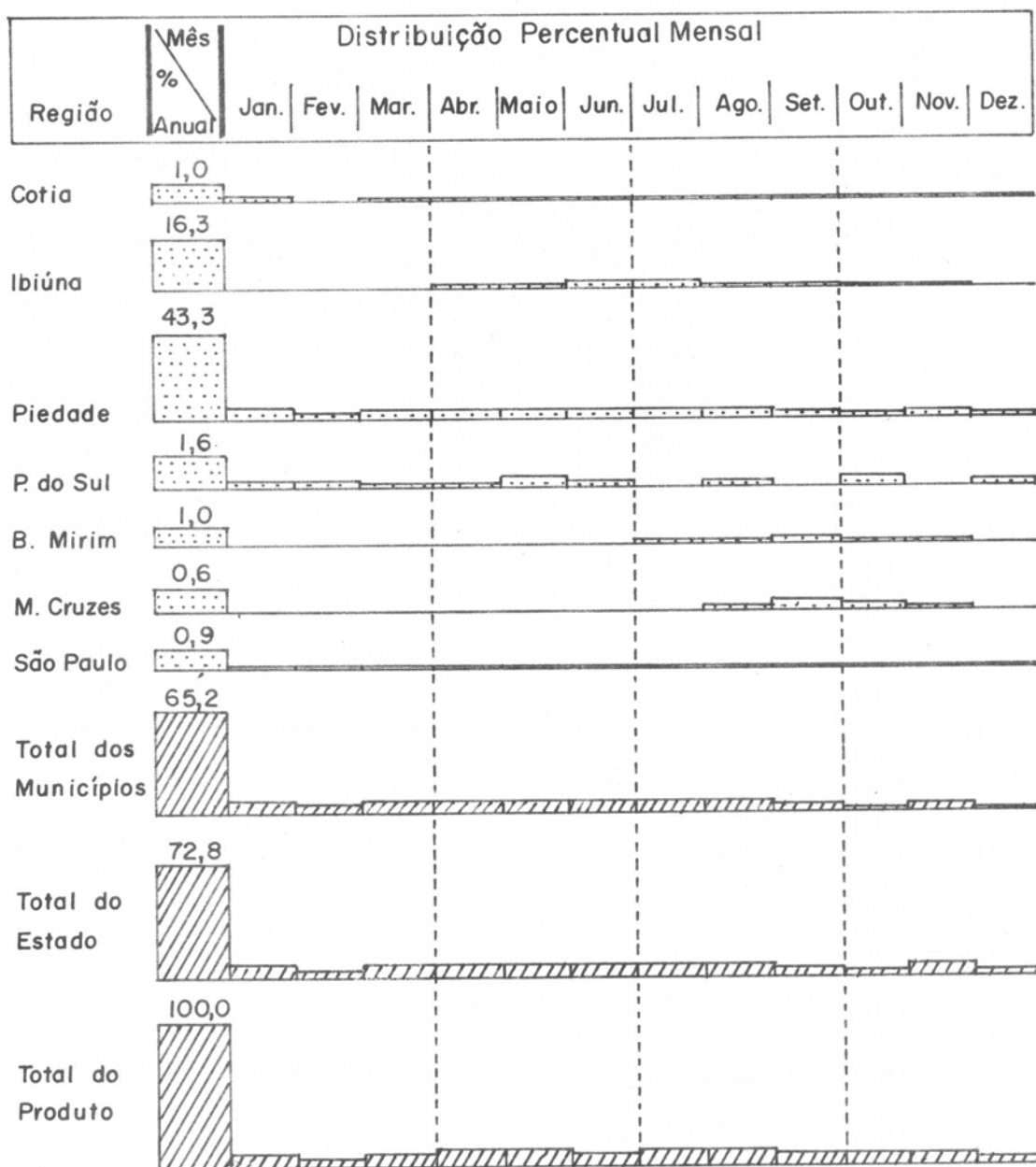


FIGURA 4 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Cenoura Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91.

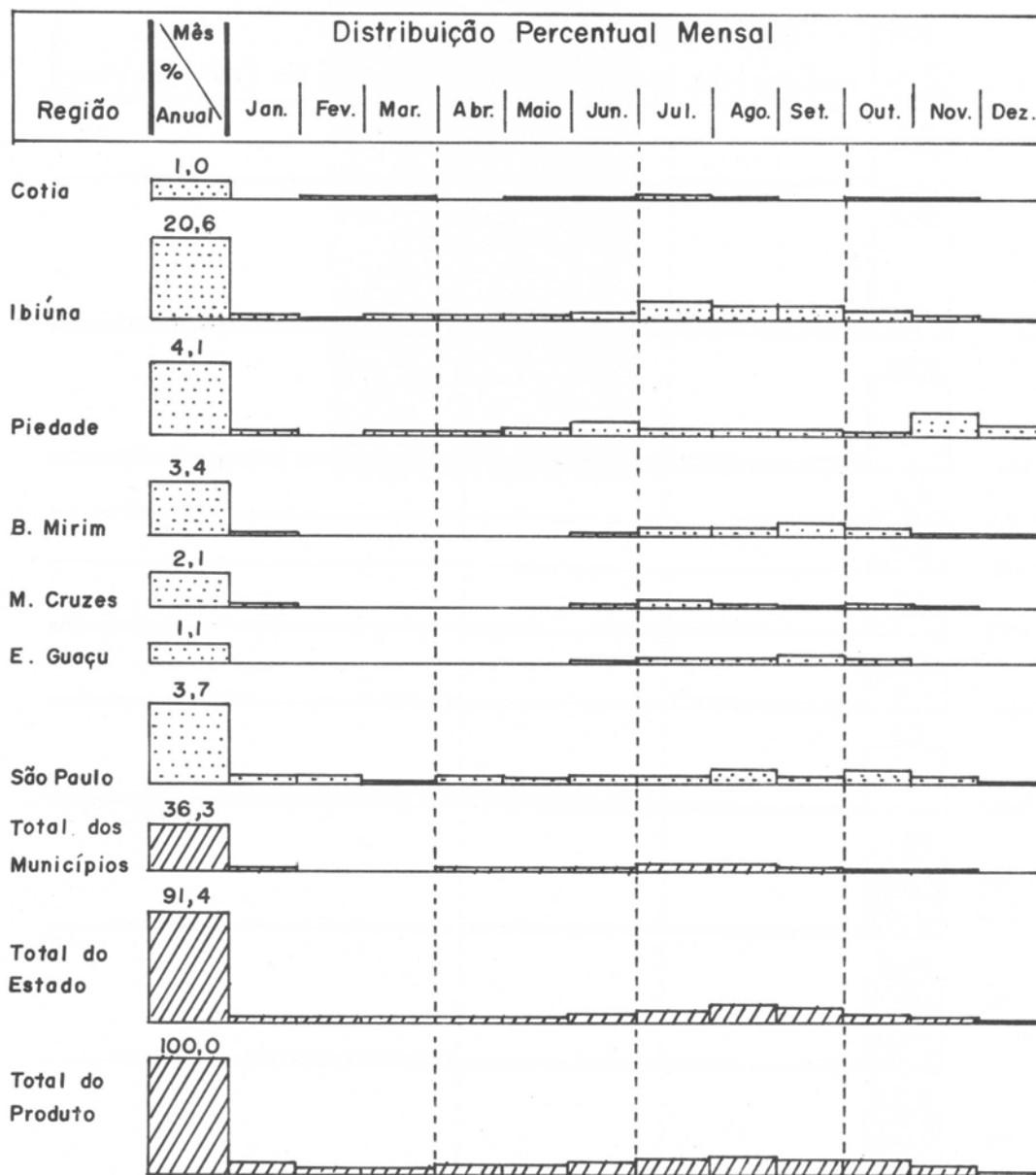


FIGURA 5 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Couve-flor Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91.

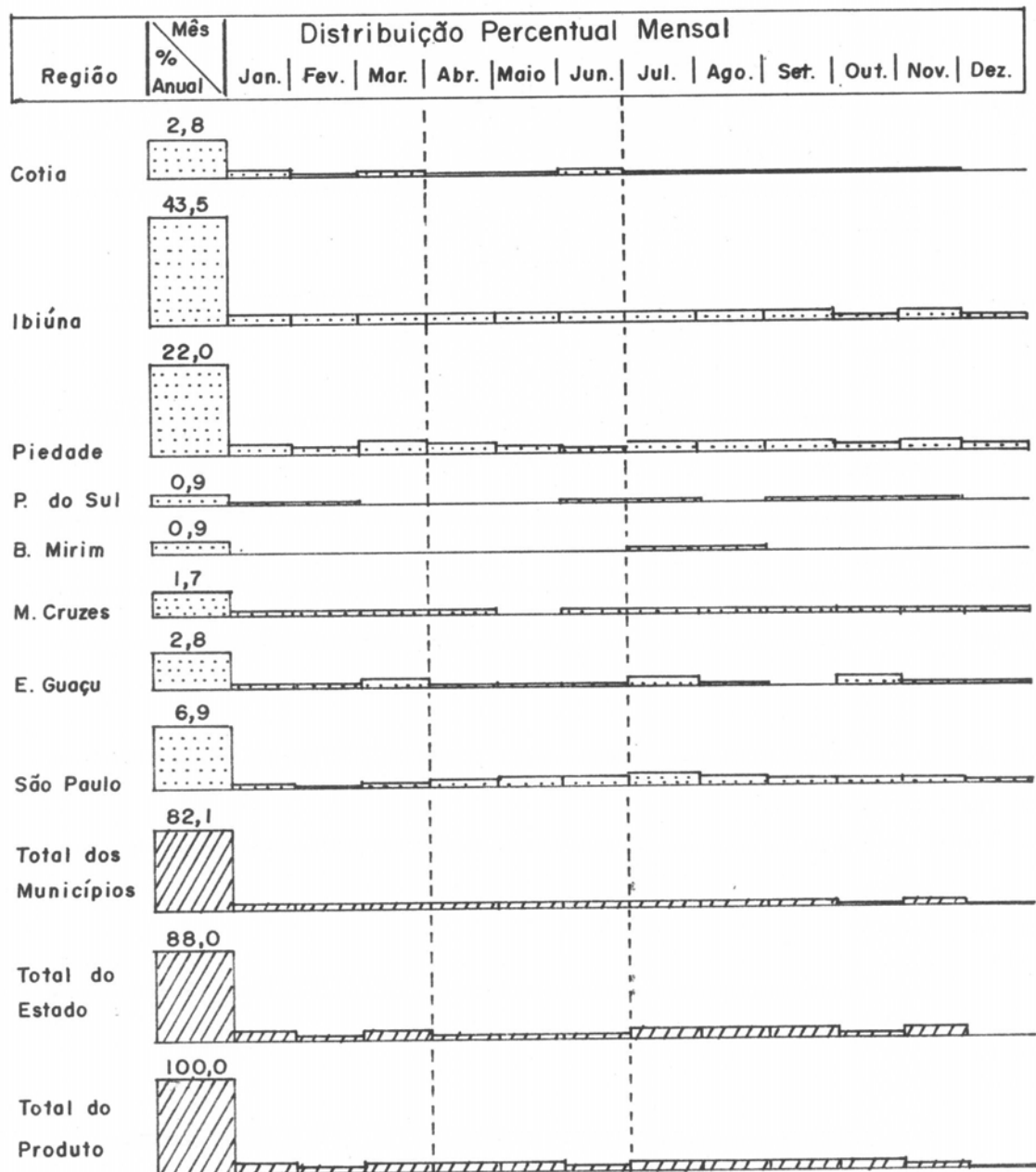


FIGURA 6 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Repolho Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91.

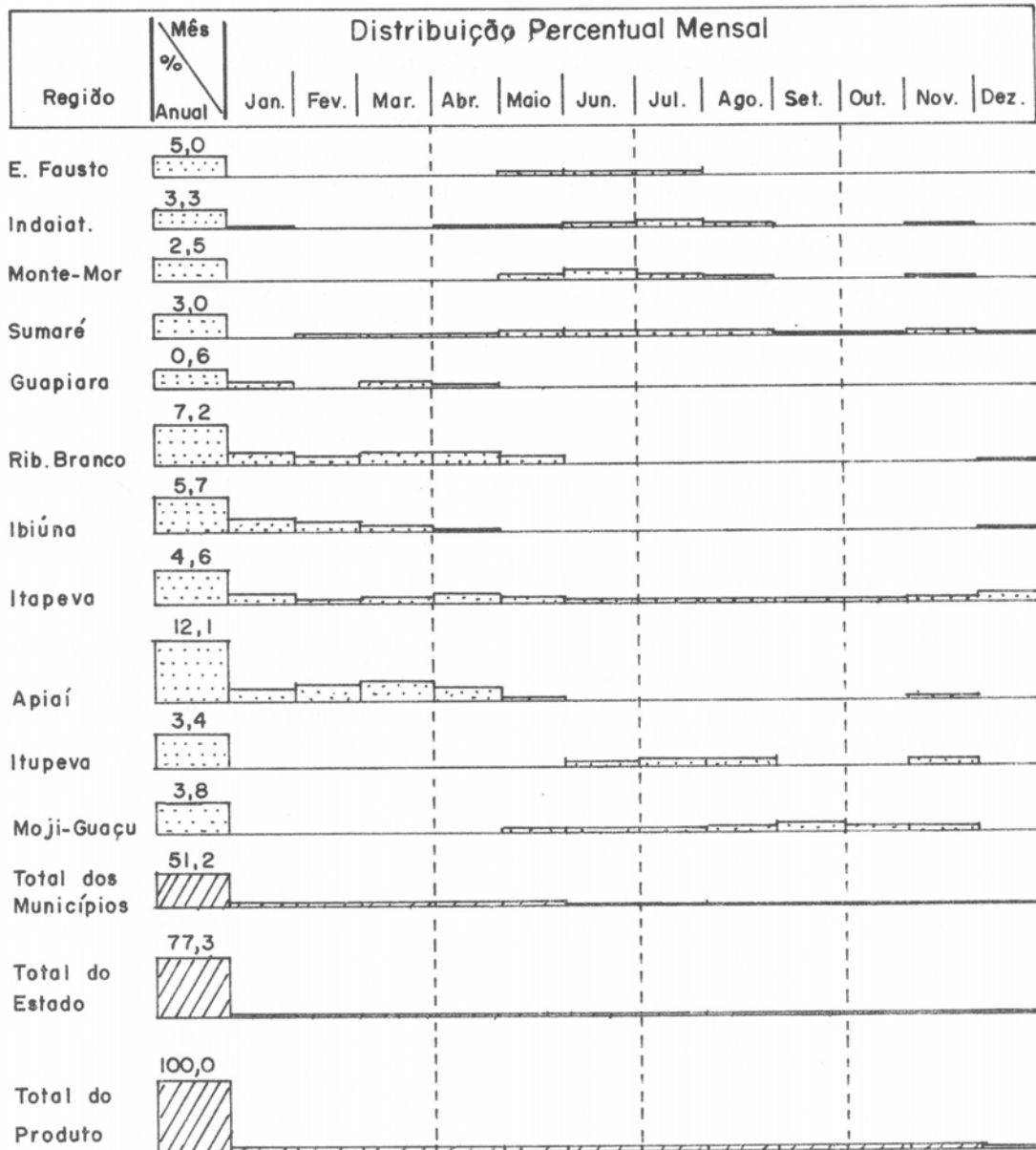


FIGURA 7 - Distribuição Percentual Mensal da Quantidade de Tomate Comercializada no ETSP-CEAGESP, Participação dos Principais Municípios Produtores do Estado de São Paulo, 1990-91

couve-flor e brócolis) possuem variedades adaptadas ao verão. Diante desse contexto, para que se atinjam os objetivos propostos, os produtores devem ser alertados para a necessidade de deslocar parte da produção das folhosas para fevereiro-março e os legumes para abril-julho, visando melhor distribuição do seu trabalho no ano e assegurar a receita.

Justifica-se iniciar a produção orientada pelo Estado de São Paulo (concentrada nas DAs de Sorocaba, São José do Rio Pardo, São Paulo e Moji das Cruzes) por ser o maior produtor de hortaliças do Brasil, ter o maior mercado consumidor, como também possuir o mais diversificado entreposto terminal da América Latina e principal formador de preços.

LITERATURA CITADA

- BOLETIM ANUAL, 1990. São Paulo, CEAGESP, 1990.
- BRASIL. Ministério da Agricultura. **PRO-HORT - Programa de apoio à produção e comercialização de produtos hortigranjeiros.** Brasília, Ministério da Agricultura, 1977.
- BRASIL. Sistema Nacional de Abastecimento centralizado. **Tabela.** Brasília, SNAC, 1990.
- GALLETA, Carlos E. K. **Levantamento de participação do Estado de São Paulo no mercado de hortigranjeiros.** Campinas. CATI, 1990.
- PREVISÃO DE SAFRAS: listagem por produto. São Paulo, IEA, 1990/1991.
- RAMALHO SOBRINHO, Rubens; CORREIA Luiz G.; SALGADO, José R. A olericultura no Brasil: área (ha) e produção (t) por Estado, ano 1990. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE OLERICULTURA, 31. Belo Horizonte, 1991. **Palestras...** Belo Horizonte, EMATER-MG, 1991. p.182.
- SÃO PAULO, SP, COORDENADORIA DE ABASTECIMENTO. **Perfil dos hortigranjeiros comercializados no ETSP: legumes.** São Paulo, CAB, 1990. 174p. (Manual Técnico).